

Retração de 8,2% na indústria

O quadro recessivo que atingiu a indústria paulista no começo deste ano ficou ainda mais grave em julho. A atividade industrial naquele mês sofreu queda de 8,2% em relação ao mesmo período de 86. As vendas reais caíram de 19,3%, enquanto o salário real médio já está 2,2% abaixo dos níveis de 1985 e 15,7% menor que em 86. É o que revela o Indicador de Nível de Atividade (INA) divulgado ontem pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Segundo o diretor adjunto do departamento de economia da Fiesp, Boris Tabacof, entretanto, é prematuro falar-se em recessão por enquanto, já que existem setores com bom desempenho e outros com redução de atividade. Tabacof salientou que no ano o resultado da atividade econômica industrial é ainda positivo (4,3%), embora com tendência declinante. Também o INA referente aos últimos 12 meses — em comparação com o mesmo período anterior — apresenta índice positivo: 8%, mas com diminuição de 3,5 percentuais

em relação a maio e 2 pontos percentuais em comparação com junho.

Boris Tabacof disse também que a queda nas vendas do mercado interno estão sendo compensadas em boa parte pelas exportações, o que justifica a manutenção do nível de ocupação da capacidade instalada em 80%. Estas vendas externas, no entanto, não conseguiram manter o mesmo nível de pessoal ocupado, que passou de 5,6% em maio a 3,3% em junho e 0,8% em julho.

Quanto ao nível de emprego que

deverá continuar se ajustando à queda na produção, já houve perda de 55 mil empregos nos últimos meses, reduzindo em 15% a massa de salários paga pela indústria.

Segundo o levantamento de conjuntura, os setores que mais caíram foram os de mobiliário (-1,9%) e material de transporte (-0,4%), enquanto os melhores desempenhos ficaram com a indústria têxtil (11,1%), minerais não-metálicos (10,8%) e material elétrico e de comunicação (10,7%).

DESEQUILÍBRIO

Para o Conselho Superior de Economia da Fiesp, que esteve reunido ontem, o desequilíbrio entre preços e salários é consequência de um problema estrutural da economia brasileira: a falta de investimentos no setor produtivo nos últimos anos. No entanto, segundo o conselho, não se deve esperar qualquer reversão nesse quadro até que haja uma definição na situação política, principalmente na Constituinte. Ta-

bacof acha que o sistema produtivo brasileiro está estagnado por causa da indefinição política e as disputas por melhores salários e pela manutenção da baixa rentabilidade das empresas, o que provoca o desequilíbrio.

Segundo ele, a elevação nominal de salários poderá provocar nova explosão inflacionária. E o aumento seria fictício. "O que precisamos é aumentar a oferta de bens e serviços para que não haja risco de um novo processo inflacionário."